

Gênese sócio-histórica e desafios do Movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas de Anchieta/SC

Ana Luiza Toaldo Nardi¹

Adilson Francelino Alves²

Recebido em 25/03/2025 Aprovado em 15/12/2025

Resumo: O presente artigo visa demarcar histórico-socio-culturalmente o movimento dos Guardiões das sementes crioulas de Anchieta/SC com base no materialismo dialético. Utiliza-se análise bibliográfica e dados de pesquisa de campo. Esse movimento é constituído por um grupo de agricultores na qual trabalham com cultivos de sementes nativas ou criadas por si, melhoradas de forma tradicional e manual, transmitida de maneira geracional, livres de patentes, contrapondo-se às sementes transgênicas. Diante da análise é possível observar que o movimento desempenha um papel significativo na preservação da agrobiodiversidade e na promoção da soberania alimentar. Entidades e redes sociológicas permitiram sua gênese e continuação. A Lei Nº 2.750/2023, a implementação do projeto de Identificação Geográfica, as festas, feiras e festival gastronômico, o fortalecimento das redes sociais e o reconhecimento da importância das mulheres são pontos de fortalecimento do movimento. O Pop do agronegócio, o envelhecimento das Guardiãs e dos guardiões e a dificuldade na sucessão familiar são problemas atuais vivenciados. O movimento é, portanto, uma resposta crítica à agricultura convencional, promovendo em microescala um modelo sustentável.

Palavras-chave: Guardiões das Sementes Crioulas; movimentos camponeses; Realidade sócio-histórica.

The social and historical basis of the Creole Seed's Guardians Movement of Anchieta/SC

Abstract: *This article aims to historically and socio-culturally delineate the movement of the "Creole Seeds Guardians" in Anchieta/SC based on dialectical materialism. It employs bibliographical analysis and field research data. This movement consists of a group of farmers who work with native or self-produced seeds, traditionally and manually improved, transmitted generationally, and free from patents, in opposition to genetically modified seeds. The analysis reveals that the movement plays a significant role in preserving agrobiodiversity and promoting food sovereignty. Sociological entities and networks have facilitated its formation and continuity. Key factors strengthening the movement include Law No. 2,750/2023, the implementation of the Geographical Identification project, festivals, fairs, gastronomic events, the consolidation of social networks, and the recognition of the importance of women. However, challenges such as the popularity of agribusiness, the aging of the guardians, and difficulties in family succession are currently faced. Thus, the movement is a critical response to conventional agriculture, promoting, on a micro scale, a sustainable agricultural model.*

Key words: *Creole Seeds-Landrace Guardians; Peasant Movements; Socio-historical reality.*

¹Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável, no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduada em Psicologia. Especialista em Sustentabilidade, meio ambiente, organizações e negócios sustentáveis. Especialista em Educação Ambiental. E-mail: ana.nardi@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3809-8878>

² Doutor em Ciências Humanas, pela UFSC, Mestre em Sociologia, pela UNICAMP, Graduado em Ciências Sociais pela UEL. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável. Pesquisador do Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade (IRIS), do Grupo de Estudos Territoriais (GETERR) e do Grupo de Desenvolvimento Rural (DERU). E-mail: adilsonfalves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7422-8671>

Introdução

No âmbito das expressões de resistência e luta no campo rural do sul do Brasil, destaca-se o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas. Este grupo é formado por agricultores cujo trabalho consiste no cultivo e preservação de sementes nativas ou desenvolvidas de forma autônoma, aprimoradas por métodos tradicionais e manuais. O conhecimento e a produção são transmitidos de geração em geração, garantindo a preservação de variedades livres de patentes e contrapondo-se, dentre outros, ao uso de sementes transgênicas (Canci, 2002; Campos, 2007; Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018).

O movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas é uma iniciativa de agricultores e comunidades tradicionais que busca preservar, multiplicar e trocar sementes crioulas — ou seja, sementes nativas, não transgênicas e adaptadas ao ambiente local. Esses guardiões atuam contra a perda da biodiversidade agrícola causada pela monocultura e pela dependência de sementes industriais, defendendo a soberania alimentar e o direito dos povos de conservar e reproduzir suas próprias sementes. O movimento tem também um caráter cultural e político, pois protege saberes tradicionais e busca promover a autonomia das comunidades rurais diante das grandes corporações do agronegócio.

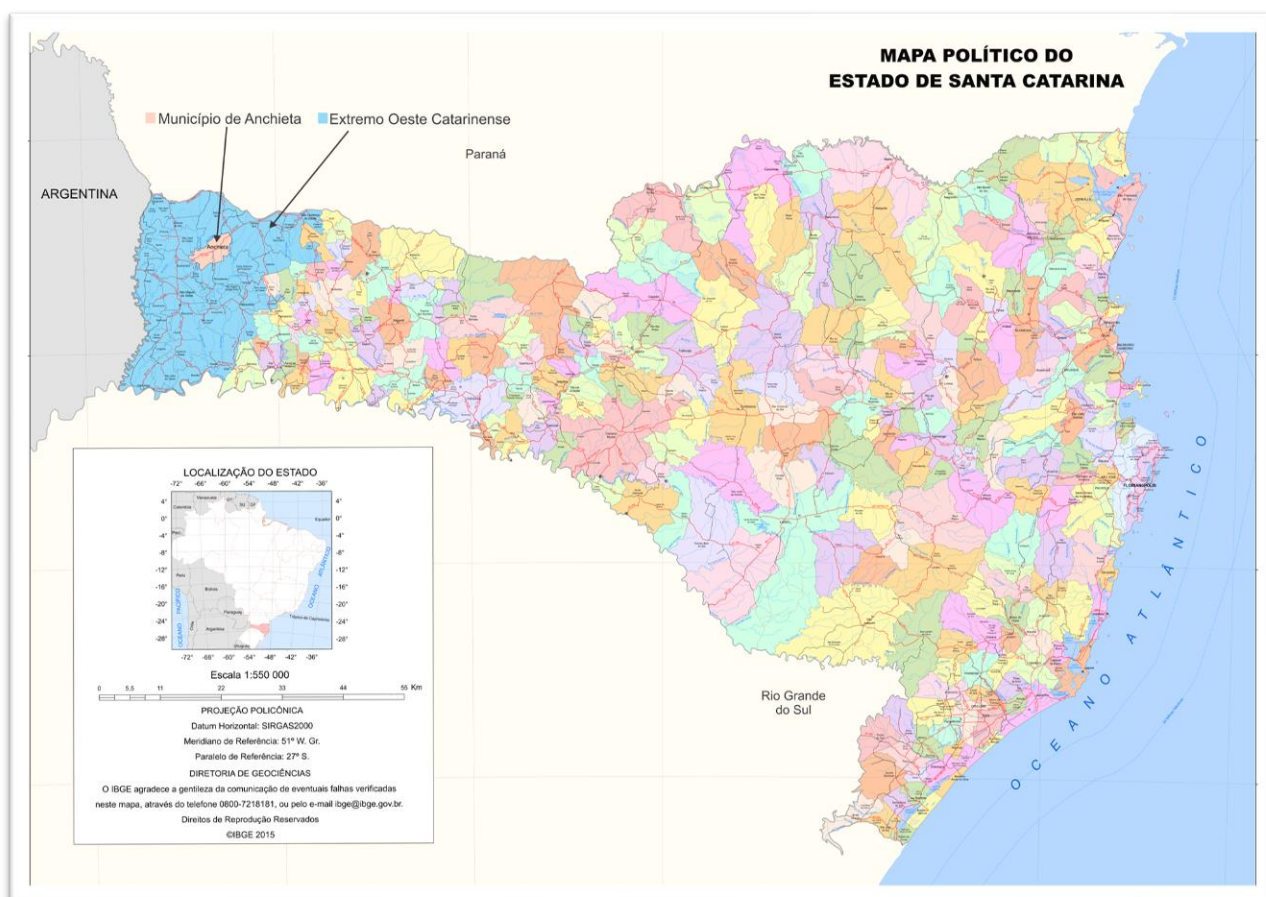
Essas práticas agrícolas, que contribuem para a manutenção do equilíbrio ambiental e a preservação das relações histórico-sociais. Tais abordagem se manifestam nos aspectos culturais, no acúmulo de conhecimentos tradicionais e nas práticas laborais relacionadas à terra. Além disso, apresenta baixo impacto ambiental, alta resiliência climática e adaptação às condições específicas de cada grupo e local de cultivo. Em contrapartida, a produção transgênica tem gerado impactos ambientais e sociais negativos, como o esgotamento do solo e a exclusão social, envenenamento de lençóis freáticos e dependência tecnológica com consequências dificilmente mitigáveis (Campos, 2007; Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018; Swiderska *et al.*, 2022).

O município de Anchieta (Figura 1), localizado no sul do Brasil, é referência no trabalho com sementes nativas. Reconhecido como Capital Nacional da Produção de Sementes Crioulas pela Lei Federal nº 13.562/2017 e como Capital Estadual do Milho Crioulo pela Lei Estadual nº 11.455/2000. Compreender como esse território e suas Guardiãs e seus Guardiões das Sementes Crioulas surgiram, se organizaram e continuam a atuar, bem como analisar suas práticas no campo, pode auxiliar na formulação de estratégias para enfrentar questões relacionadas ao desenvolvimento rural sustentável. Entre essas questões, destacam-se os conhecimentos

tradicionais, a valorização das sementes crioulas, a racionalidade camponesa, a conservação *in situ on farm* e a sucessão familiar (Gofi, 2017; Swiderska *et al.*, 2022).

Estudar essas realidades, principalmente em sua dimensão histórica e cultural permite construir uma cartografia social dos movimentos sociais, e então, compreender as redes e complexidades como grupos concretos se apresentam e se colocam dentro do debate e espaço do desenvolvimento sustentável. O presente artigo busca demarcar, de forma histórico-sociocultural este movimento social em sua gênese no município de Anchieta/SC, utilizando como base teórica o Materialismo dialético. O texto é desenvolvido a partir de uma análise bibliográfica complementada por dados coletados durante pesquisa de campo.

Figura 1 – Santa Catarina com a localização do Extremo Oeste Catarinense e destaque para o Município de Anchieta.



Fonte: IBGE (2015), adaptado pelos autores.

O artigo está estruturado em três partes. Inicialmente, apresenta-se a constituição geoespacial e histórica do município. Em seguida, explicitam-se as principais instituições locais e sua conexão com as sementes crioulas. Por fim, discute-se os desafios, redes e atualidades do trabalho das guardiãs e dos guardiões e das entidades envolvidas com as sementes crioulas em Anchieta/SC. A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE: 74820823.8.0000.0107.

Método

O presente artigo integra uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGDRS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). A pesquisa em sua totalidade está estruturada em três artigos, sendo este o segundo, sua função é interligar o primeiro artigo que trata da proposição teórica e metodológica ao terceiro que analisa a atuação das agricultoras e agricultores nas em suas práticas de resistência, lutas e afetos como guardiãs e guardiões das sementes crioulas. O objetivo geral da pesquisa é analisar as dimensões de afetividade nas ações dos sujeitos que compõem o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas de Anchieta/SC. Nesse sentido, este artigo desempenha o papel de contextualização histórico-sociocultural do referido movimento, fundamentando-se em uma abordagem qualitativa ancorada no Materialismo dialético.

O Materialismo Dialético enfatiza as condições históricas, econômicas e as relações de produção como determinantes da estrutura social e política. Em vez de interpretar a história de maneira linear, esse método concebe a transformação processual contínua e contraditória das sociedades, destacando a luta de classes e as mudanças necessárias para resolver tais contradições (Netto, 2011). Adicionalmente, utiliza-se pressupostos da cartografia social. Segundo Acselrad, Mello e Bezerra (2009), a cartografia social é uma metodologia participativa que articula saberes técnicos e locais para representar os territórios a partir da perspectiva dos sujeitos que os habitam. Nesse artigo, a cartografia social é desenhada na exposição dos principais atores, e dados históricos que permitiu o surgimento do processo social que constituiu os Guardiões das sementes crioulas.

Para a construção das informações, foram realizadas entrevistas em profundidade com membros dos Guardiões das Sementes Crioulas de Anchieta/SC, além de entrevistas com representantes de entidades vinculadas ao movimento e ao município. Também foi empregada a análise documental, com base em pesquisas em bancos de dados, teses, documentos oficiais,

artigos científicos e cartografia. Essas fontes permitiram uma abordagem descritiva que contextualiza a história de constituição do território, as contradições, as mudanças e as transformações sociais que culminaram na criação do movimento liderado por agricultores e agricultoras locais (Merriam; Tisdell, 2016).

Esse processo resultou na formação das Guardiãs e dos Guardiões das Sementes de Anchieta, situando o objeto de estudo dentro de um processo mais amplo de desenvolvimento histórico e social. A análise busca compreender como esse movimento interage com e reflete as condições materiais e as contradições da sociedade em que está inserido (Netto, 2011).

A constituição geoespacial e histórica de Anchieta/SC

O perfil rural do estado de Santa Catarina é marcado pela predominância de propriedades familiares e pela diversidade de ambientes naturais distintos. Essa característica resulta em uma ampla variedade genética que se reflete na diversidade de alimentos produzidos, dentre eles, milho, feijão, arroz, hortaliças, tubérculos, bananas, tomates, cítricos (laranjas, limões, tangerinas), melancias etc. A agricultura catarinense é diversificada, abrangendo atividades em diferentes escalas – grande, média e pequena (Gofi, 2017). Dentre as múltiplas formas de identidade do campo catarinense, destaca-se o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas no município de Anchieta.

Para compreender o município de Anchieta sob a perspectiva desejada, é fundamental situá-lo geoespacial e historicamente. O município está localizado na região do Extremo Oeste de Santa Catarina, na divisa do Brasil com a Argentina, entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul (Figura 1). Essa região foi palco de conflitos fronteiriços envolvendo Brasil e Argentina, bem como os estados de Santa Catarina e Paraná, durante o processo conhecido como Contestado. Em determinado momento, chegou-se a cogitar a criação de um Estado chamado Missões. Em 1915, um acordo entre os estados brasileiros consolidou a paz, e a área foi definitivamente incorporada ao território catarinense em 1917.

Inicialmente, a região era considerada um “sertão”, habitada por uma população rarefeita composta por posseiros, indígenas, refugiados de guerras, peões de empresas exploradoras, bandeirantes, assentados, militares de campanha e missionários jesuítas (Bavaresco; Franzen; Franzen, 2013). A ocupação dessa área foi impulsionada tanto pelo Estado brasileiro quanto por empresas colonizadoras privadas, com interesses voltados para a exploração econômica e a consolidação da soberania nacional.

A construção da estrada de ferro pela companhia *Railway Company*, que ligaria o estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, desempenhou um papel estratégico nesse processo. Em 1940, o Estado brasileiro adquiriu uma faixa de 150 quilômetros de terras a partir do Rio Peperi-Guaçú, destinando-as posteriormente para empresas com o objetivo de promover a colonização e a exploração madeireira. A história regional evidencia que a ocupação foi motivada pelos interesses do Estado nacional, que buscava “levar a civilização ao sertão” para garantir a ocupação ordenada da região, bem como pelos empreendimentos colonizadores privados (Bavaresco; Franzen; Franzen, 2013, P. 90).

Nesse contexto, três grandes iniciativas colonizadoras definiram a história do extremo oeste catarinense: 1) o Vale do Rio Uruguai, com uma colonização de caráter étnico e confessional, composta por alemães e italianos; 2) a região da Tríplice Fronteira (Santa Catarina, Paraná e Argentina), ocupada por atividades pecuárias e produção de erva-mate; e 3) a área de São Miguel do Oeste, objeto de um processo de urbanização e valorização dos setores industriais e comerciais.

Nesse amplo contexto, nosso recorte espacial será o município de Anchieta, que possui 232.348 Km³ de extensão territorial (Figura 1) (IBGE,2022). Segundo Canci & Canci (2007) o Extremo Oeste catarinense é constituído por 10% de relevo plano, 15% ondulado e 75% montanhoso, com altitudes entre 500 e 950 metros. A vegetação natural é composta por Floresta Estacional Decidual (em torno de 85%) e Floresta Ombrófila Mista (15% do município), considerada uma transição entre estas duas tipologias da Mata Atlântica. O município possui população estimada em 5.943 habitantes (IBGE, 2022), desse 59% residem na zona rural (IBGE, 2017). A agricultura é a atividade econômica central, ao lado das indústrias madeireira, moveleira, agroindústrias e ecoturismo, que ganhou força a partir de 2010 (Canci, Brassiani, 2004).

As áreas rurais são organizadas em 31 comunidades, estabelecidas já nos primeiros anos de colonização. Essas são constituídas, além das propriedades rurais, por espaços compartilhados tais como: igrejas, salões paroquiais, bodegas (mercearias e bares), campos de futebol e canchas de bocha, que representam importantes locais de encontro e convivência.

Em relação às organizações sociais vinculadas ao rural, destaca-se: Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Associação dos Agricultores Produtores de Milho Crioulo Orgânico e Derivados (ASSO), Associação dos Feirantes Orgânicos de Anchieta (AFOA). (Vogt, Canci; Canci, 2007, Gofi, 2007) É relevante os achados de pesquisas anteriores, confirmada a partir dessa

(Gofi,2017, Souza, 2012), que indicam que todos os agricultores que trabalham e mantêm as variedades crioulas de milho estão vinculados a algumas dessas organizações.

Na região o período de colonização e estabelecimento populacional ocorreram entre as décadas de 1920 a 1970. Tal dinâmica alterou o uso da terra, imprimindo características capitalista, inicialmente com a derrubada das matas nativas e venda da madeira e simultaneamente o estabelecimento de cultivos de espécies anuais, como milho, feijão, trigo, em conjunto a outros produtos vegetais, bem como, a criação de animais. (Canci; Brassiani, 2004, Gofi,2017).

Essa realidade foi observada também no município de Anchieta. Como posto por Canci e Brassiani (2004), o município começou a se formar a partir da década de 1950, atraindo migrantes gaúchos de origens italiana (maior parte), alemã e polonesa, assim como catarinenses de origens portuguesa e cabocla. E emancipou-se do território de Chapecó em 29 de março de 1963 (Gofi,2017).

O município estrutura-se historicamente em torno da agricultura, tendo como base as chamadas “sementes crioulas”. Etimologicamente, o termo “crioulo” deriva do verbo “criar”, o que é relevante para compreender que a produção crioula não se restringe apenas ao que é nativo. Para os agricultores da região, o conceito de “crioulo” abrange variedades que podem não ser originárias do local, como milho, diversas hortaliças e feijões. O critério fundamental, nesse contexto, é a preservação das características originais das sementes ao longo do processo de reprodução, sem que ocorra degradação genética ou perda de suas propriedades essenciais (Canci, 2002).

A partir da compreensão dos agricultores, isso é, semente crioula é a semente que carrega sua história geracional e suas ações para com essa, buscando o melhoramento do produto, que passa pela qualidade da colheita até a adaptabilidade/resposta da planta no ambiente cultivado, é relevante destacar a manifestação na superestrutura legal da Lei Nacional de Sementes (Lei 10.771 de 5 de agosto de 2003) que define no Art. 2º, inciso XVI, o significado de cultivar local, tradicional ou crioula como:

variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do Mapa, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais” (Brasil, 2003).

É nesse contexto, que será maior aprofundado na próxima seção, que o movimento das sementes crioulas inicia uma posição ativa na resistência ao uso de transgênicos, que são associados à dependência tecnológica e econômica. Em contrapartida, as sementes crioulas

representam para os agricultores um caminho para a autonomia e independência, permitindo-lhes controlar integralmente o processo produtivo. Essas sementes geralmente são resgatadas de membros da família que migraram para o município ou foram obtidas por meio de trocas com vizinhos e em feiras. A mais difundida delas é o milho, que foi o primeiro cereal cultivado no município (Canci; Brassiani, 2004; Locatelli, 2019).

Nesse sentido, além do impacto político, as sementes crioulas podem configurar-se como um símbolo de soberania, pois colocam a tecnologia nas mãos dos agricultores. Isso é, permitir a trabalhadora/ trabalhador rural estar no centro do processo de modificação e melhoramento da semente com base em seus conhecimentos, desenvolvendo autonomia produtiva e relacional com a terra. Em parceria com a pesquisa pública, essas sementes possibilitam o aprimoramento da atividade agrícola e a consolidação da autonomia do trabalhador rural, reforçando sua capacidade de decisão e sustentabilidade (Canci, 2002).

O termo/título “Guardiões de sementes crioulas” refere-se a uma vinculação identitária de classe, por meio de suas práticas agrícolas, desenvolvem técnicas de melhoramento, resgate, manutenção e dispersão de sementes e outros produtos crioulos. Essas práticas, juntamente com os conhecimentos associados, são transmitidas de geração em geração e exercem um impacto sobre a funcionalidade da agrobiodiversidade.

Bevilaqua *et al.* (2014) estabelecem critérios para que um trabalhador rural seja considerado um Guardiã: (1) a posse e o manejo de diversidade biológica; (2) o reconhecimento social por parte da comunidade; e (3) o compromisso com o trabalho voltado ao benefício coletivo no entorno. Esses aspectos reforçam o papel central desses indivíduos não apenas como produtores, mas também como promotores da sustentabilidade e da preservação cultural no campo.

As Guardiãs e os Guardiões das Sementes Crioulas de Anchieta são agricultores que preservam uma grande diversidade de espécies. O conhecimento gerado pelo cultivo dessas sementes desenvolve-se a partir de uma cultura que possibilita a constante reconstrução do saber (Campos, 2007; Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018; Gofi, 2017), bem como na nossa pesquisa, a demonstração de uma consciência de classe e sentimento de pertencimento que lhes reveste uma identidade construída no território.

Esse processo insere-se em um ciclo dialético que se inicia com as sementes crioulas e se estende à constituição ontológica dos agricultores e se materializa na construção de entidades coletivas para defender, articular, produzir e organizar a resistência frente ao mercado tradicional. Essa constituição é mediada pelos saberes criados e compartilhados, que tecem o território onde as resistências se materializam de múltiplas formas. Essas manifestações incluem a construção de

uma identidade singular como “Guardião das Sementes”, a promulgação de leis, a organização de feiras e a própria formação das subjetividades, afetos e confiança.

Com base nessa fundamentação material, o próximo tópico abordará a história das Guardiãs e dos Guardiões e do movimento de resgate das sementes crioulas, destacando as instituições locais que viabilizaram e impactaram essa trajetória no município de Anchieta.

As entidades do território e o resgate das sementes

A prática cotidiana com as sementes crioulas materializa-se em organizações construídas pelos agricultores. A partir de laços de confiança calcadas em relações históricas, esses atores não apenas revitalizaram o Sindicato dos trabalhadores rurais, como também criaram um conjunto de associações, instituições e eventos, como feiras, que passaram a dar materialidade às práticas desenvolvidas por eles no meio rural. Este processo será detalhado a seguir.

Os Guardiãs e Guardiões das Sementes Crioulas são aqui definidos por sua inter-relação com instituições e agentes organizacionais, bem como pelas formas como se estruturaram e continuam a se organizar nos movimentos sociais e nas lutas pelo resgate e preservação dessas sementes. Para compreender essa dinâmica, é fundamental destacar algumas entidades que desempenham um papel central no território. Entre elas estão: o Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) e instituições de ensino, com destaque para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Essas entidades são amplamente mencionadas tanto na literatura quanto nos dados coletados durante o trabalho de campo. Além disso, é importante ressaltar a relevância das feiras e festas das sementes, que funcionam como espaços de troca, resistência e fortalecimento cultural.

A relação entre as entidades e as guardiãs/guardiões é intrínseca. Para entender o movimento dos Guardiões, é necessário reconhecer que o foco sobre esse grupo emergiu a partir de uma estratégia do sindicato rural para enfrentar os desafios enfrentados pelos agricultores familiares no início da década de 1990. Nesse contexto, o resgate das sementes crioulas foi colocado no centro das soluções para esses problemas. O Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF) de Anchieta desempenhou um papel central no trabalho com as sementes, promovendo seu compartilhamento e preservação. Com base na realidade sócio-histórica do município, foi desenvolvido um projeto voltado ao resgate dessas sementes, o que conferiu ao sindicato reconhecimento regional, nacional e internacional (Locatelli, 2019).

Ao revisitar a história do sindicato, observamos que havia discussões acerca da existência desse, e em conjunto aos problemas decorrentes do campo financeiro, o SINFRAT inicia o questionamento de sua atuação nos anos de 1995/1996. O sindicato enfrentava uma crise. Em meio aos desafios financeiros enfrentados pelos agricultores, o sindicato começa a questionar sua atuação, especialmente no âmbito político e coletivo. O sindicalismo atravessava uma crise profunda, exacerbada pela baixa participação dos agricultores, muitos dos quais se beneficiavam de créditos sem engajamento ativo no movimento sindical. (Canci, 2002).

Essa crise do sindicalismo entrelaçou-se com as discussões e resistência à Revolução Verde, que já emergiam nas pautas desde a década de 1980. Em Santa Catarina, as percepções críticas sobre os agrotóxicos começam a focar nas inseguranças e riscos do seu uso, trazendo o aparecimento da defesa de agriculturas alternativas (Canci, 2002, Locatelli, 2019, Muraca, 2015). Dessa intervenção os camponeses passaram a compreender o uso de transgênicos e híbridos como uma ameaça tanto para a saúde como para o ambiente (Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018).

Paralelamente às preocupações com os impactos à saúde, surgiram debates sobre a dependência tecnológica e suas consequências. Um ponto central de preocupação era o que aconteceria caso o crédito fosse suspenso. Isso levaria à perda da capacidade de trabalho e, conseqüentemente, ao êxodo rural? (Canci, 2002). Além disso, a imposição da produção integrada³ – caracterizada pelo controle corporativo sobre grande parte do processo produtivo, incluindo o domínio técnico, a fixação de preços e a comercialização – tornou-se outro fator de tensão. No Oeste de Santa Catarina, esse modelo de produção é evidente na criação de suínos e aves, na fumiicultura e na produção comercial de leite (Muraca, 2015).

Um exemplo problemático dessa realidade foi exposto por Canci (2002) que relata em uma das reuniões sindicais em 1996, onde foi levantado um questionamento basilar “Caso não houve mais crédito, quem conseguiria plantar?” A resposta para tal questionamento impactou os presentes, por trazer o êxodo rural como solução. Assim, a fragilidade dos agricultores em decorrência das tecnologias reproduzidas, levou a constatar que após um período, trabalhadores perderiam o direito de plantar.

Diante desse contexto, o SINTRAF e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) intensificaram sua articulação e focaram suas estratégias no resgate das sementes crioulas. Em 1997, após uma reunião de base, o SINTRAF propôs oficialmente o resgate dessas sementes, em parceria com o MPA. Essa iniciativa não apenas fortaleceu a luta camponesa, mas também

³ A integração da agricultura familiar à indústria refere-se à inserção de pequenos produtores rurais a cadeias produtivas agroindustriais verticalizadas e comandadas por grandes empresas.

reforçou o projeto de defesa da natureza e da produção de alimentos saudáveis, destacando a importância das sementes crioulas e das técnicas tradicionais de cultivo associadas a elas (Canci, 2002; Campos, 2007).

Com base nisso, após uma década de referências significativas no sul do Brasil (como os trabalhos realizados em 1986, na cidade de Lages/SC, e em 1987, em Francisco Beltrão/PR), iniciaram-se as ações voltadas ao resgate das sementes crioulas no município de Anchieta/SC (Canci, 2002; Locatelli, 2019). A estrutura proposta para o resgate caracterizou-se por um modelo complexo que buscava promover autonomia e independência para os agricultores locais. Os responsáveis pelo movimento tinham como convicção a necessidade de alcançar autonomia na produção, adotar práticas como a adubação verde, desenvolver pequenas indústrias e resgatar as sementes crioulas, iniciando esse processo com um trabalho de base. Esse esforço culminou na formação de organizações sociais e na preservação da diversidade genética e cultural da região (Canci, 2002; Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018).

Com o apoio da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), Adriano Canci, técnico da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) e associado do SINTRAF, organizou e orientou grupos de agricultores com foco no trabalho com as sementes crioulas. Após recuperar sua estabilidade financeira, o sindicato conseguiu articular a criação de pequenas indústrias (como as de conservas, açúcar mascavo e embutidos), além de promover seminários que foram importantes para divulgar o programa e fortalecer as ações de resgate. É necessário destacar que o milho surgiu como uma demanda espontânea, correlacionada à realidade dos agricultores e ao seu papel na produção de proteína animal, e não foi imposto pelo sindicato, o que pode ter sido determinante para a sustentabilidade do projeto.

Uma intensiva articulação impulsionada por organizações sociais junto ao campesinato da região, focou suas ações na recuperação genética e cultural das variedades locais. Isso é, uma atividade focada nas sementes crioulas da região, já que, grande parte dos agricultores nunca parou, em completo, a utilizar e trabalhar com as variedades locais e crioulas, muitos já haviam esquecido ou abandonado práticas e sementes herdadas de gerações anteriores, como as trazidas por seus avós, por exemplo (Gofi, 2017). O número de agricultores de cultivares cresceu significativamente em 1998, havia oito variedades identificadas, e na safra 2001/2002, esse número saltou para 33 cultivares de milho crioulo plantadas (Canci, 2002; entrevista com o SINTRAF).

Para viabilizar esse processo, o SINTRAF contratou uma equipe técnica responsável por orientar e auxiliar os agricultores que enfrentavam dificuldades no manejo dessas variedades. O procedimento incluía atividades como a identificação e o resgate de sementes locais, além de orientações transmitidas por meio de seminários, encontros e visitas técnicas. Nessas ocasiões, eram compartilhadas informações sobre o uso e manejo das variedades crioulas, o plantio de campos destinados à produção de sementes, o resgate de cultivares tradicionais e a redistribuição de sementes entre os agricultores. Essas práticas destacaram-se por valorizar os aspectos culturais e os conhecimentos tradicionais associados às sementes (Gofi, 2017; Canci, 2002).

O milho crioulo, em particular, emerge como uma alternativa estratégica para a manutenção das famílias (Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018). Com o incentivo ao cultivo desse cereal, observam-se benefícios para os agricultores, conforme apontado nos estudos de Oliveira (2015). Entre esses benefícios estão: a redução de custos operacionais, a diminuição do uso de agrotóxicos, o aumento da renda por meio da troca e comercialização com outros trabalhadores rurais, bem como o fortalecimento de redes colaborativas em experiências com sementes crioulas.

Destaca-se que políticas públicas desempenharam um papel central na consolidação do resgate das sementes crioulas no município. Exemplos incluem o Programa de Produção Própria de Sementes, lançado em 1997 por meio de uma parceria entre o SINTRAF e a Prefeitura Municipal, e a realização da 1ª Festa Estadual do Milho Crioulo, em 2000. Essas iniciativas consolidaram o movimento de resgate das sementes em Anchieta/SC. No decorrer desse processo, o SINTRAF e os trabalhadores rurais recuperaram diversas espécies de sementes crioulas, como: milho, hortaliças, trigo, soja, tomate, feijão, entre outras, além de animais crioulos, como porcos (Canci, 2002; Locatelli, 2019).

Em 2014/2015, o SINTRAF instituiu um banco de sementes em sua sede física no centro da cidade, cujo objetivo é armazenar variedades no sindicato, proporcionando um espaço acessível para que agricultores possam encontrar sementes sempre que necessário. Esse recurso é especialmente relevante para aqueles que perderam suas sementes devido a eventos climáticos adversos, como estiagens, ou por terem interrompido temporariamente a produção. Dessa forma, as famílias dispõem de um local seguro para recuperar suas sementes e continuar suas práticas agrícolas.

Por meio dessas ações, que englobaram a identificação e o resgate das sementes crioulas, bem como dos conhecimentos tradicionais associados, o movimento pôde ser propagado e reconhecido fora da localidade. Gofi (2017) destaca que, em decorrência da crescente dependência de sementes comerciais, o sistema local de trocas entre conhecidos, que incluía sementes e mudas,

havia se estreitado. No entanto, o projeto de resgate contribuiu para fortalecer e garantir a reprodução de variedades de milho e outras culturas, revitalizando práticas tradicionais de intercâmbio.

Diante da história de Anchieta/SC e dos movimentos sociais voltados às sementes crioulas, dois acontecimentos são particularmente relevantes para a política de resgate desses cultivares. Em 19 de junho de 2000, Anchieta foi reconhecida como Capital Catarinense do Milho Crioulo, por meio da Lei Estadual nº 11.455. Posteriormente, em 2017, o município foi elevado à condição de Capital Nacional de Produção de Sementes Crioulas, pela Lei Federal nº 13.562 (Brasil, 2017; Locatelli, 2019; Santa Catarina, 2000).

No que diz respeito às festas, essas têm como objetivo principal servir como espaços de encontro e troca. Realizadas em nível municipal, regional e nacional, essas festas representam uma estratégia fundamental para a preservação da cultura local, além de desempenharem um papel crucial na promoção da segurança alimentar e no fomento ao comércio de produtos agrícolas (Canci, 2002; Bevilaqua *et al.*, 2015).

A primeira Festa Estadual do Milho Crioulo ocorreu em Anchieta no dia 20 de maio de 2000, resultado de uma reunião entre agricultores e organizações sociais. Apesar de enfrentar oposição de algumas autoridades, o evento foi realizado devido à sua relevância para o movimento de resgate das sementes crioulas. Conforme destacado por Canci (2002, p. 71), nos últimos dias que antecederam a festa, mais de 100 pessoas estavam envolvidas em sua organização, incluindo professores, agricultores, homens e mulheres tanto da cidade quanto do interior de Anchieta. A festa, também conhecida como FEMIC, foi promovida pelo Movimento dos Pequenos Agricultores de Santa Catarina (MPA-SC), pelo Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, pela Secretaria de Educação e pela Igreja Católica. Contou ainda com o apoio da agência local do Banco do Brasil, da CooperOeste, da Epagri e da Prefeitura Municipal.

O principal objetivo da FEMIC foi apresentar os resultados do trabalho realizado pelos agricultores desde 1997, destacando os avanços no resgate das sementes crioulas e sua importância para a comunidade agrícola local. Além disso, o evento consolidou-se como uma plataforma para a valorização da biodiversidade cultural e para o fortalecimento das redes de colaboração entre os atores envolvidos no movimento.

Com resultados positivos e o reconhecimento da Festa Estadual do Milho Crioulo, a primeira Festa Nacional do Milho Crioulo foi realizada em 2002, contando com o apoio da AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) e de organizações vinculadas

à Via Campesina, além das demais entidades que já haviam participado da organização da Festa Estadual. O evento reuniu 63 bancas expositivas e apresentou 943 variedades de diversas espécies. Aproximadamente 15 mil pessoas, provenientes de 20 estados brasileiros, visitaram a festa (Vogt; Canci; Canci, 2007).

Ao longo dos anos, foram realizados nove eventos relacionados às sementes crioulas em Anchieta, incluindo sete edições da Festa Nacional de Sementes Crioulas. Apesar do crescente interesse e dos números expressivos desses eventos, enfrentaram-se resistências e poucos incentivos políticos, especialmente durante governos que priorizavam o agronegócio. Durante muitos anos, a organização das feiras e festas esteve sob a responsabilidade da Via Campesina. No entanto, após Adriano Canci assumir a prefeitura do município em 2018, a organização passou a ser conduzida pela prefeitura, com o apoio de outras entidades.

Para lidar com os conflitos entre a luta camponesa e os interesses do agronegócio na organização e realização desses eventos, adotou-se como alternativa a coligação da Festa de Sementes Crioulas com a ExpoAnchieta, sendo ambos os eventos realizados em conjunto nas duas últimas edições (2018 e 2023) (Entrevistas com representantes do SINTRAF e COOPERANCHIETA)

Outro importante espaço de encontro e exposição do movimento das sementes crioulas é o Festival Gastronômico de Sementes Crioulas, que já teve duas edições realizadas com resultados profícuos. O festival é promovido por diversas entidades, incluindo o SINTRAF, o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a Epagri, a Paróquia Santa Lúcia, a CooperAnchieta, o SEBRAE, restaurantes locais e a Secretaria de Agricultura do município. O objetivo principal do festival é agregar valor às sementes crioulas e seus derivados. Essa estratégia de agregação de valor tem sido também uma prioridade nos últimos anos para algumas entidades envolvidas com as sementes crioulas, como a CooperAnchieta e o SINTRAF, que adotaram como principal estratégia a identificação geográfica.

Um ponto central para analisar o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas em Anchieta/SC é compreender que ele não possui uma organização centralizada, mas está disperso entre diversas entidades que utilizam tais sementes como parte de suas propostas adaptadas à realidade local. Essa característica é evidente tanto na atualidade quanto nos últimos anos da luta. Atualmente, não há uma parceria oficial entre o SINTRAF e a Prefeitura Municipal com foco específico na produção de sementes crioulas. No entanto, existe um trabalho conjunto realizado por meio do Fórum das Entidades, composto por associações rurais do município, incluindo a

CooperAnchieta, o SINTRAF, o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), a Epagri, a Secretaria de Agricultura e outras organizações.

Entre as entidades em destaque para o trabalho com as sementes em Anchieta encontra-se o MMC, esse movimento político articula questões de gênero, classe e ruralidades, com ênfase no debate camponês e feminista. Sua origem remonta ao ano de 1983, com o surgimento do Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) no município de Chapecó/SC, durante um período marcado pela ascensão dos movimentos camponeses e pela luta combativa contra a ditadura militar. É importante ressaltar que o MMA de Santa Catarina e Rio Grande do Sul serviu como referência para o surgimento do MMC no Brasil, que se consolidou a partir da articulação de movimentos estaduais de trabalhadoras rurais (Muraca, 2015).

Na sua origem, o MMA lutou por direitos fundamentais, como documentação pessoal e profissional, aposentadoria aos 55 anos, reconhecimento da profissão de agricultora, salário-maternidade, auxílio-doença, auxílio-acidente de trabalho, aposentadoria por invalidez e pensão por morte, entre outros (Paulilo, 2003). Essas lutas foram acompanhadas por encontros de formação, grupos de estudo e debates que abordavam temas como saúde, educação libertadora, violência contra as mulheres e participação feminina na política (Muraca, 2015).

Atualmente, o MMC baseia suas atividades em conceitos que orientam seus pressupostos e práticas, tais como questões de gênero, soberania alimentar, identidade camponesa, ecofeminismo, agroecologia e sementes crioulas (Adão, 2009). O movimento concentra seus esforços em problemáticas como segurança alimentar, defesa do meio ambiente, preservação das sementes crioulas e florestas nativas, além do combate ao uso de agrotóxicos, sementes híbridas e transgênicas (Muraca, 2015).

A história do MMC em Anchieta contou com o apoio da Igreja Católica e da Teologia da Libertação (TdL). A Igreja e a TdL desempenharam um papel importante ao disponibilizar espaços e organizar reuniões, facilitando a comunicação e o encontro entre as mulheres.

Em paralelo ao surgimento do MMA nos anos 1980 e 1990, já eram amplamente discutidas as consequências da Revolução Verde, que resultaram na perda de autonomia dos agricultores familiares e na crescente necessidade de sindicalismo combativo, autônomo e não vinculado exclusivamente a questões burocráticas. Nesse contexto, em 1996, surgiu o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), como resposta à grande seca que afetou os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Posteriormente, o MPA integrou-se à Via Campesina, um movimento nacional que articula um projeto popular de agroecologia em mais de dezessete estados brasileiros e conta com a participação de movimentos como o MPA, o Movimento dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra (MST), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o MMC (Muraca, 2015). O MPA também desempenhou um papel relevante no movimento das sementes crioulas em Anchieta, alinhando seus objetivos aos do SINTRAF e do MMC no resgate e trabalho com as sementes crioulas.

Outras importantes instituições que se vincularam ao trabalho com o milho e outras sementes crioulas foram as instituições de ensino, com destaque para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Os convênios estabelecidos pela UFSC, por meio do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio), são frequentemente mencionados tanto pelos entrevistados da pesquisa quanto pelos representantes das entidades supracitadas. Um exemplo notável é o Projeto Mays, desenvolvido pelo NEABio, que realiza pesquisas voltadas à nutrição de milhos crioulos (Gonçalves, 2016; Ogliari; Kist; Canci, 2013; Souza, 2012). Essa parceria tem se mantido ativa por mais de sete anos, consolidando-se como uma importante contribuição para o fortalecimento das sementes crioulas (NEABio, 2015).

A UFFS também desempenha um papel significativo na trajetória das sementes crioulas em Anchieta. Entre suas contribuições estão atividades como a organização de seminários sobre sistemas agroflorestais (UFFS, 2018) e sua participação ativa no projeto de Indicação Geográfica (IG), iniciado em março de 2022. Esse projeto visa valorizar e proteger a identidade cultural e produtiva das sementes crioulas, promovendo sua inserção em mercados diferenciados e reconhecendo seu valor territorial.

De acordo com representantes do SINTRAF, atualmente existem cerca de 20 famílias ativas identificadas como guardiões de sementes crioulas. No entanto, foi destacado que diversos agricultores e agricultoras, embora trabalhem com sementes crioulas em suas propriedades, realizando atividades como seleção, conservação e propagação dessas variedades, não se reconhecem enquanto “guardiões” ou “guardiãs”. Observa-se, portanto, que muitos desses agricultores ainda carecem de uma compreensão ampla sobre o papel desempenhado pelas guardiãs e pelos guardiões no movimento das sementes crioulas. Além disso, há uma lacuna significativa na catalogação e sistematização dessas sementes, bem como no conhecimento das entidades que promovem o movimento.

Representantes do sindicato ressaltam que é possível trabalhar com variedades de milho crioulo, respeitando os ciclos produtivos, sem comprometer a produtividade. No próprio município de Anchieta, já foram observados ganhos ao associar a produção de milho crioulo à realidade local, que é predominantemente voltada para a produção leiteira e exige pastagens. Contudo, o principal

desafio enfrentado em relação às sementes crioulas é a demanda por mão de obra braçal. Esse aspecto traz à tona discussões importantes sobre o envelhecimento da população, o êxodo rural e a crescente preferência pelo uso de sementes transgênicas, que oferecem maior “facilidade” operacional devido à mecanização, reduzindo o esforço físico exigido dos agricultores.

Como mencionado anteriormente, o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas é construído por meio de uma integração entre diversas entidades, territórios e atores sociais. Durante o trabalho de campo, observou-se que muitos agricultores não se identificam diretamente como “guardiões” ou “guardiãs”. Em vez disso, eles se reconhecem como pequenos agricultores, colonos ou camponeses, dependendo de sua trajetória e contexto pessoal. Essa autoidentificação está intimamente ligada à percepção de si mesmos como agentes responsáveis pela sustentabilidade, pelo cuidado com a natureza, pela saúde e pelo futuro das comunidades rurais.

Diante do exposto, este tópico explorou o processo de resgate das sementes crioulas e como ele se consolidou em um movimento estruturado por meio da interação entre entidades, territórios, guardiãs/guardiões e suas práticas cotidianas. Todo esse processo histórico, bem como os pontos destacados, constituem o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas em Anchieta/SC em sua complexidade, contradições e construção identitária. Essa dinâmica permite que o movimento se mantenha, se transforme e se remodele continuamente, em um processo dialético influenciado pelas condições materiais e sociais que incidem diariamente sobre esse território e seus atores.

Os entraves, acordos e passos futuros para com as Sementes

Neste último tópico, pretende-se dialogar sobre algumas nuances relacionadas aos entraves, acordos e estratégias que impactam o movimento dos Guardiões das Sementes Crioulas. Para tanto, é fundamental reconhecer que as estruturas que influenciam a forma como o movimento se estabelece, cria e recria redes relacionais, e constrói formas de socialização, proximidade e confiança estão imersas na luta por autonomia e sustentabilidade. Essas dinâmicas são moldadas por uma interação constante entre atores sociais, instituições e práticas culturais.

As principais formas de socialização e organização do movimento giram em torno de entidades e instituições sociais e a política institucional (representada pela câmara dos vereadores e pela prefeitura). No entanto, outras relações sociais também desempenham um papel importante na vida dos Guardiões e, conseqüentemente, na perpetuação e ação do movimento. A igreja, a família e as relações de vizinhança emergem como elementos centrais que impactam diretamente a dinâmica do movimento. Essa cartografia social corrobora os achados de Gofi (2017), que

destaca como as famílias guardiãs fortalecem sua identidade camponesa ao participarem ativamente de suas comunidades – seja por meio do sindicato, dos movimentos sociais, das trocas e ajudas com vizinhos, ou da participação nas feiras, festas e rituais locais. Essas práticas não apenas solidificam os vínculos sociais (como amizades) como também fomentam a troca de experiências e saberes.

Dessa forma, alguns pontos centrais emergem da cartografia dessa organização e processo social em Anchieta, com base nos dados coletados. Entre eles destacam-se:

1. Ações e existência do SINTRAF, MPA e MMC: entidades que desempenham um papel estruturante no fortalecimento do movimento, articulando políticas públicas, promovendo eventos e incentivando práticas agroecológicas.
2. Estratégias relacionadas à Indicação Geográfica (IG) e às festas/feiras das sementes: tais iniciativas têm sido fundamentais para valorizar as sementes crioulas, promover sua inserção em mercados diferenciados e consolidar a identidade cultural do município.
3. Conflito com o agronegócio e as sementes transgênicas: a antítese entre os princípios do movimento e os interesses do agronegócio reflete uma tensão central no rural brasileiro. As Guardiãs e os Guardiões enfrentam desafios impostos pela hegemonia do modelo produtivo convencional, que prioriza o lucro e a financeirização do trabalho.

Ademais, é relevante ressaltar que o trabalho e a identidade dos Guardiões se configuram como uma constante ação de resistência contra uma realidade hegemônica. Essa realidade está ancorada no mercado, na financeirização do trabalho em todos os seus aspectos e na ideia de que a produção só pode ser maximizada mediante a vinculação com o lucro, considerado essencial para a viabilidade do trabalho rural.

Por outro lado, as Guardiãs e os Guardiões compreendem, afirmam e reproduzem uma perspectiva diferenciada, fundamentada em valores e dinâmicas que transcendem o lucro. Essa abordagem engloba a construção e reconstrução de modos de ser, relacionar-se e produzir na agricultura de maneira sustentável e conectada com o meio ambiente. Desse modo, as motivações dos Guardiões das Sementes Crioulas abrangem múltiplos aspectos, incluindo: 1) Manutenção das variedades locais, que carregam consigo aspectos culturais, como questões de sabor, tradição, beleza e apego às relações geracionais; 2) Características desejáveis para uso na alimentação humana ou animal; 3) Desempenho técnico e econômico dos sistemas produtivos; 4) Redução dos custos de produção, aliado à adaptação às condições de manejo e clima; 5) Rendimento de grãos, que contribui para a segurança alimentar das famílias; 6) Produção mais saudável, devido à ausência de agrotóxicos e outros insumos químicos; 7) Valor comercial dos produtos, como milho,

feijão e arroz, cujos excedentes são vendidos, gerando renda adicional para as famílias (Vogt; Canci; Canci, 2007; Gofi, 2017).

Destarte, tanto o trabalho das Guardiãs e dos Guardiões com as sementes crioulas quanto as relações que estabelecem – entre si e com instituições – possibilitam a construção de laços de solidariedade e confiança. Essas conexões favorecem o desenvolvimento de diversos conhecimentos, especialmente aqueles relacionados às trocas de sementes. Todo esse processo cria uma dinâmica de interações que impacta positivamente a conservação e preservação da agrobiodiversidade (Gofi, 2017; Muraca, 2015).

Nesse contexto, algumas questões merecem destaque. O SINTRAF e o MPA foram os principais pioneiros no resgate das sementes crioulas, trazendo essa iniciativa como uma articulação central para enfrentar os desafios enfrentados no final da década de 1990. Esse movimento não apenas permitiu a retomada da luta pelo crédito subsidiado, mas também impulsionou a motivação para a luta camponesa e fortaleceu o projeto de produção de alimentos saudáveis e defesa da natureza (Canci, 2002; Campos, 2007).

Observa-se aqui a interconexão de redes, nas quais essas entidades construíram um plano de ação que englobava tanto ações cotidianas quanto pontuais. Entre essas ações, destacam-se: o resgate dos valores e da cultura associados às sementes crioulas; a realização de seminários e cursos; a oferta de assistência técnica para áreas de produção de sementes crioulas livres de venenos e a organização de feiras ecológicas.

Essas iniciativas auxiliaram no resgate e na atualização de conhecimentos que já existiam entre os agricultores, transmitidos por meio de suas relações geracionais e da cultura familiar intrínseca (Canci, 2002). Dessa forma, as variedades crioulas tornaram-se escolhas ativas e com resultados positivos para a agricultura familiar, pois esta se mostrou altamente adaptativa ao trabalho com essas sementes, seja por meio da seleção natural, seja pela escolha consciente de mantê-las (Gofi, 2017).

Entretanto, todo o processo de resgate das sementes crioulas e suas consequentes reações foi atravessado por entraves provenientes tanto da sociedade quanto de grupos ligados ao agronegócio e às sementes transgênicas. Canci (2002) destaca que, inicialmente, o movimento foi percebido de forma cética e preconceituosa pela sociedade, que os rotulavam como “atrasados”, “ignorantes” ou “retrógrados”. Essa percepção de estagnação no passado ainda persiste. A partir de entrevistas realizadas, foram identificadas falas críticas dirigidas as guardiãs e aos guardiões, como comentários de que “não valia a pena”, “não eram produtivas” ou “é ficar no passado”. Esse discurso se reflete especialmente na sucessão familiar, onde os jovens frequentemente expressam

o desejo idealizado pelo modelo do agronegócio – marcado pelo uso de maquinário, pela figura do grande fazendeiro e pela ideia de modernidade. Esse imaginário induz a uma compreensão de que o trabalho com as sementes crioulas é inviável, indesejável e carregado de sofrimento que não compensa.

Ressalta-se que, ao construir um movimento centrado nas sementes crioulas, seu impacto político se complexifica, ultrapassando a simples busca pelo aprimoramento da atividade agrícola e pela autonomia do trabalhador rural. Envolve também implicações profundas relacionadas à alteração de uma visão de mundo. O movimento intenta subverter a ordem econômica da produção agrícola convencional, que está submetida a um processo de comoditização global, conectada a poderosas redes econômicas, processos de standardização, conglomerados agroindustriais e políticas públicas alinhadas a esses interesses.

Diante do exposto, a política institucional, em alguns momentos, invisibilizou ou criou mecanismos para não apoiar o movimento. Um exemplo é a não liberação de verbas para a realização da Festa das Sementes Crioulas em 2020, antes mesmo da pandemia ocorrer. Além disso, observa-se a ausência de políticas públicas específicas ou a dificuldade na criação de leis de incentivo, como no caso da demora para a aprovação da Lei nº 2.750/2023. Essas influências, tanto da política institucional quanto do aumento do campo estético e idealizado promovido pelo discurso do “agro é pop”, têm impactado negativamente a força do movimento. Quando comparado ao seu expressivo crescimento e consolidação na primeira década dos anos 2000, percebe-se uma perda de dinamismo e visibilidade.

Atualmente, não há um número exato de guardiões ou famílias guardiãs em Anchieta/SC. Em entrevista, a CooperAnchieta estima que cerca de 50 famílias estejam envolvidas no movimento, enquanto o SINTRAF aponta uma estimativa entre 20 e 30 famílias, com aproximadamente 2 a 3 pessoas por família. Em termos percentuais, baseado no último censo (IBGE, 2022), estima-se que apenas de 2% da população de Anchieta tenha identificação como guardiãs/guardiões. É importante destacar que muitos agricultores e agricultoras utilizam sementes crioulas em suas propriedades, mas sem necessariamente se identificarem como guardiões ou desenvolverem atividades voltadas ao reconhecimento formal dessa prática.

Dessa forma, as estratégias vinculadas às trocas de sementes e ao fortalecimento das relações sociais tornam-se cruciais para a perpetuação do movimento, especialmente em um contexto de enfraquecimento. Nesse cenário, o MMC, como já salientamos anteriormente, se destaca por sua vinculação primordial entre as sementes crioulas e questões de gênero. Majoritariamente, as mulheres são as principais responsáveis pelo manejo e conservação da

diversidade genética das variedades crioulas, com foco predominantemente no autoconsumo familiar. A troca de sementes emerge como uma ferramenta essencial para lidar com vulnerabilidades, garantir a potencialidade das variedades e ampliar a diversidade genética disponível (Gofi, 2017).

Entre as ações promovidas pelo MMC em relação às sementes, destaca-se o Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças, que surgiu como resultado de diversas discussões e experiências desenvolvidas desde a década de 1990. Esse programa foi inspirado pelo projeto de resgate das sementes crioulas de Anchieta (Muraca, 2015). Durante a década de 2000, o MMC realizou 12 oficinas sobre sementes em Anchieta, que combinavam uma abordagem pedagógica ao integrar conhecimentos teóricos sobre a conservação e os benefícios das sementes crioulas com práticas tradicionais trazidas pelas guardiãs, herdeiras de saberes transmitidos por seus pais e avós. Essas oficinas tiveram um impacto significativo na construção do valor do trabalho coletivo com as sementes. Conforme relatado por uma participante: “Contribuiu muito pra gente dar continuidade e cuidar das sementes, valorizar as sementes que nossos pais deixaram, nossos ancestrais. Contribuiu muito pra nós” (Entrevista com Guardiã).

Atualmente, o MMC permanece ativo no município, promovendo encontros, oficinas e visitas técnicas às propriedades rurais para apoiar as guardiãs e agricultoras na resolução de desafios relacionados à conservação de sementes crioulas. No entanto, esse trabalho enfrenta obstáculos impostos pela predominância do agronegócio, que atua de forma contrária à preservação dessas sementes, comprometendo sua difusão e multiplicação. Um exemplo significativo é a dificuldade em manter a qualidade genética das sementes, que frequentemente são contaminadas por agentes externos, como solos adjacentes, água e ar. Para mitigar esses desafios, o MMC oferece orientações sobre práticas de manejo que visam evitar a contaminação, garantir a qualidade e a viabilidade germinativa, além de promover o armazenamento adequado das sementes (Muraca, 2015).

Outras duas estratégias para o movimento e sua perpetuação se solidificam em duas ações: a lei Nº 2.750/2023 e o projeto de desenvolvimento de Identificação Geográfica. A lei Nº 2.750/2023 sanciona o Programa de Apoio as Guardiãs e Guardiões de Sementes Crioulas. Essa lei tramitava dentro da política institucional desde 2017 visando atuar com incentivos financeiros para a produção de sementes, e foi aprovada no ano de 2023. (Locatelli, 2019). O programa objetiva:

I – Fortalecer as políticas de desenvolvimento rural e agropecuário com vistas a melhoria da conservação da agrobiodiversidade e das condições de vida da população; II - Estimular a conservação genética das variedades de milhos crioulos, pipocas crioulas e de outras espécies por parte de agricultores e agricultoras residentes e atuantes no município de Anchieta; III – Propiciar a disseminação qualificada das variedades de milhos crioulos, pipocas crioulas e de outras espécies aos agricultores rurais e urbanos interessados/as; IV - Fortalecer o trabalho de Indicação Geográfica dos Milhos Crioulos de Anchieta com vistas a fomentar a boa alimentação, as tradições, os eventos gastronômicos, festivos e as feiras, bem como a geração de oportunidades de desenvolvimento nas áreas afins e correlatas, como o turismo e o artesanato; V - Conservar a pureza varietal com suas características genéticas e fenotípicas das variedades selecionadas a cada ano (Anchieta, 2023).

O programa contempla até 27 guardiãs e/ou guardiões de sementes crioulas, que, ao final da colheita, devem fornecer quantidades e variedades específicas dessas sementes, provenientes de cultivos orgânicos. Cada agricultor selecionado recebe o valor de R\$ 1.000,00 como incentivo financeiro. No processo seletivo, serão priorizados os candidatos que já cultivam sementes crioulas. As sementes fornecidas ao município, em contrapartida ao apoio financeiro, compõem o “kit sementes”, conforme estabelecido pela legislação municipal (Anchieta, 2023).

Em paralelo, o projeto de Identificação Geográfica (IG), iniciado em março de 2022, busca promover os produtos derivados dos milhos crioulos produzidos em Anchieta. A IG é atribuída a produtos que apresentam características únicas em função de recursos naturais específicos, como solo, vegetação, clima e conhecimento tradicional (Brasil, 2017). O projeto visa agregar valor aos produtos tanto por sua qualidade quanto por sua singularidade, destacando as tradições regionais e fortalecendo a cultura local. Essa iniciativa também representa uma alternativa para gerar retorno econômico associado ao trabalho com sementes crioulas. O projeto de IG é desenvolvido de forma colaborativa entre a prefeitura, o Sebrae/SC, o SINTRAF, a CooperAnchieta e a Epagri (SEBRAE).

Nesse contexto, a IG configura-se como um avanço importante para o fortalecimento e a expansão nacional e internacional do valor das sementes crioulas, bem como dos agricultores que as cultivam. Os atores envolvidos enxergam o projeto como uma importante estratégia para enfrentar desafios como a desvalorização cultural e econômica das sementes, o envelhecimento das guardiãs e dos guardiões, a falta de sucessão nas propriedades e os impactos negativos do agronegócio. A expectativa é que a IG incentive o aumento do número de agricultores interessados no cultivo de sementes crioulas, promova maior valorização do milho tradicional e fortaleça a economia local e as práticas agrícolas ancestrais.

Acompanhando o projeto de Identificação Geográfica (IG) e a Lei nº 2.750/2023, as festas e feiras de sementes crioulas, bem como o festival gastronômico, representam ações estratégicas inseridas em um conjunto mais amplo de iniciativas cotidianas voltadas à defesa e à propagação das sementes crioulas. Esses eventos traduzem não apenas práticas culturais, mas também formas de resistência e valorização das lutas diárias em torno dessas sementes.

Os alimentos carregam significados que vão além de seus aspectos nutricionais, estando imersos em dimensões sociais e simbólicas que influenciam sua percepção e valorização dentro de cada cultura. Esses valores se manifestam nas práticas alimentares e nas tradições locais, sendo frequentemente reconhecidos como elementos típicos e fontes de orgulho cultural. Muitas vezes, essas expressões culturais são celebradas em festas populares, que servem como espaços de apresentação, reafirmação e fortalecimento das identidades regionais (Adão, 2009).

O resgate das sementes crioulas exige, de forma concomitante, a revitalização da culinária, do artesanato e de todo o conhecimento associado às variedades crioulas. Segundo Canci (2002), as atividades relacionadas a esse processo incluem: recuperar sementes crioulas tradicionais (ainda preservadas por agricultores); adquirir cultivares de polinização aberta no mercado; desenvolver novos compostos; e resgatar práticas culinárias, artesanais e os saberes vinculados a essas variedades. Nesse contexto, reafirma-se a importância fundamental das festas e feiras de sementes crioulas realizadas no município. Conforme destaca Gofi (2017), são nos dias de campo e nas trocas de sementes que se evidenciam potentes instrumentos de divulgação e compartilhamento, não apenas de sementes, mas principalmente de conhecimentos e experiências.

A relevância dos bancos ou casas de sementes também se destaca, como é o caso do banco de sementes do SINTRAF, que funciona como espaço de armazenamento, socialização e troca entre agricultores. Esses locais facilitam o acesso a sementes para pessoas que não as possuem, mas desejam cultivá-las, permitindo a descoberta de novas variedades e o teste de diferentes cultivos. Além disso, plataformas digitais, especialmente grupos em redes sociais como o WhatsApp, têm se mostrado eficientes para promover trocas entre agricultores (Gofi, 2017).

Os programas voltados para as sementes crioulas estão intrinsecamente ligados à defesa da soberania alimentar, à promoção de uma alimentação saudável, ao reconhecimento do conhecimento popular e ancestral, e à valorização do trabalho agrícola, que, em grande parte, é realizado por mulheres (Muraca, 2015). Além disso, ressalta-se que a agricultura baseada em sementes crioulas desempenha um papel fundamental no controle e na autonomia sobre as sementes (Campos, Cassol, Wizniewsky, 2018; Swiderska *et al.*, 2022). Essa prática contribui para

o desenvolvimento rural sustentável, promovendo melhores condições ambientais para as gerações futuras.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, é possível constatar que o Movimento das Guardiãs e dos Guardiões das Sementes Crioulas de Anchieta/SC desempenha um papel fundamental na preservação da agrobiodiversidade e na promoção da soberania alimentar. A articulação entre diversas entidades, como o SINTRAF, o MMC, o MPA e instituições de ensino superior, têm sido essenciais para enfrentar os desafios impostos pela hegemonia do agronegócio e pela desvalorização das práticas agrícolas tradicionais.

A aprovação da Lei nº 2.750/2023 e a implementação do projeto de Identificação Geográfica (IG) destacam-se como estratégias importantes para fortalecer o movimento, oferecendo suporte técnico e incentivos financeiros aos guardiões. Essas iniciativas, juntamente com festas, feiras e o festival gastronômico, não apenas proporcionam espaços de interação e troca de saberes, mas também reafirmam a identidade cultural e promovem a valorização dos produtos locais.

Por um lado, a pesquisa evidenciou diversos obstáculos, como a crescente influência do modelo hegemônico do agronegócio, o envelhecimento das Guardiãs e dos guardiões e as dificuldades relacionadas à sucessão familiar. Por outro lado, o fortalecimento das redes sociais, representado pelos bancos de sementes e pelas trocas mediadas por plataformas digitais, bem como o reconhecimento do papel central das mulheres na conservação das variedades crioulas, demonstram potencial para garantir a resiliência e a continuidade do movimento.

Portanto, apesar dos desafios enfrentados, o movimento segue como contraponto crítico ao modelo convencional de agricultura, promovendo, na microescala local, um sistema mais sustentável e inclusivo que conecta a preservação dos saberes ancestrais com inovações tecnológicas e novas interpretações de sua identidade. Dessa forma, posiciona-se como uma alternativa à lógica hegemônica da monocultura, introduzida pela Revolução Verde.

Referências

ANCHIETA. Lei nº 2.750/2023. **Cria programa de apoio aos guardiões e guardiãs de sementes crioulas e dá outras providências.** *Prefeitura Municipal de Anchieta*, 2023.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; FRANZEN, Douglas Orestes; FRANZEN, Tiones Ediel. Políticas de colonização no extremo oeste catarinense e seus reflexos na formação da sociedade regional. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 3, n. 5, p. 86-104, jul./dez. 2013.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli *et al.* Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, p. 99-118, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.562, de 21 de dezembro de 2017. **Confere ao município de Anchieta, no Estado de Santa Catarina, o título de Capital Nacional da Produção de Sementes Crioulas.** Brasília, DF: Presidência da República, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003. **Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças.** Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **O que é Indicação Geográfica? Como obter o registro?** 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-indicacao-geografica-ig>. Acesso em: 9 nov. 2024.

CAMPOS, Antônio Valmor de. **Milho crioulo: sementes de vida.** Frederico Westphalen: Ed. da URI, 2007.

CAMPOS, Antônio Valmor de; CASSOL, Kelly Perlin; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores. A sustentabilidade nos territórios do milho crioulo: olhares para Anchieta/SC e Ibirama/RS. **Grifos**, v. 27, n. 44, p. 144–144, 27 set. 2018.

CANCI, Adriano. **Sementes crioulas: construindo soberania, a semente na mão do agricultor.** São Miguel do Oeste: McLee, 2002.

CANCI, Ivan José; BRASSIANI, Ivanildo (org.). **Anchieta: história, memória e experiência – uma caminhada construída pelo povo.** São Miguel do Oeste, SC: McLee, 2004. 418 p.

GOFI, Rosicleide. **O processo de sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas: estudo de caso no município de Anchieta/SC.** 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GONÇALVES, Gabriel Moreno Bernardo. **Caracterização e divergência genética de variedades crioulas de milho pipoca conservadas por agricultores do oeste de Santa Catarina.** 2016. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos) – Programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

IBGE. **Anchieta.** 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/anchieta.html>. Acesso em: 9 nov. 2024.

- IBGE. **Censo agropecuário Anchieta**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/anchieta/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- IPEA. **Agenda 2030: ODS – Metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- LOCATELLI, A. R. Resgate das sementes crioulas em Anchieta – SC (1996–2002): processo histórico e ecos. **Revista Santa Catarina em História**, v. 13, n. 1, p. 89–102, 2 set. 2019.
- MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. 4. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.
- MURACA, Mariateresa. **Práticas populares, feministas e decoloniais do Movimento de Mulheres em Santa Catarina: uma etnografia colaborativa**. 2015. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- NEABIO. **Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade – UFSC**. Disponível em: <https://neabio.wixsite.com/neabioufsc/variedades-crioulas>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- OGLIARI, Juliana Bernardi; KIST, Volmir; CANCI, Adriano. The participatory genetic enhancement of a local maize variety in Brazil. In: DE BOEF, Walter *et al.* (org.). **Community biodiversity management: promoting resilience and the conservation of plant genetic resources**. Abingdon: Routledge, 2013.
- PAULILO, Ignez M. Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio. In: PAULILO, Ignez M.; SCHMIDT, Wilson (org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 183–210.
- SANTA CATARINA. Lei nº 11.455, de 19 de junho de 2000. **Reconhece o município de Anchieta como Capital Catarinense do Milho Crioulo e adota outras providências**. Florianópolis, SC: Governo do Estado de Santa Catarina, 2000.
- SOUZA, Rosenilda de. **Avaliação da eficiência de uma nova abordagem de melhoramento de milho pelo esquema de seleção recorrente divergente-convergente de famílias de meio-irmãos**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- SWIDERSKA, Krystyna *et al.* *Indigenous peoples' food systems and biocultural heritage: addressing indigenous priorities using decolonial and interdisciplinary research approaches*. **Sustainability**, v. 14, n. 18, p. 11311, 2022. DOI: 10.3390/su141811311.
- VOGT, Gilcimar A.; CANCI, Ivan J.; CANCI, Adriano. Uso e manejo de variedades locais de milho em Anchieta – SC. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 36–39, 2007.

SEBRAE. Anchieta promove segundo festival gastronômico milhos crioulos. 2024. **Notícias**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/noticias/anchietapromove-2-festival-gastronomico-milhos-crioulos,7d454bbb9d63e810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 9 fev. 2025.